

DÉVOILEMENT, UMA NÃOTRADUÇÃO LITERÁRIA DO APOCALIPSE

DÉVOILEMENT, A LITERARY NONTRANSLATION OF THE APOCALYPSE



Ana Magda STRADIOTO-CASOLATO
Doutoranda
Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (LETRA)
São Paulo, São Paulo, Brasil
lattes.cnpq.br/2254957935421727
orcid.org/0000-0003-2491-7078
ana.stradioto@usp.br

Resumo: Este artigo pretende analisar alguns mecanismos da nãotradução – a poética tradutória do escritor *québécois* Jacques Brault – empregados em um texto sensível. A nãotradução estabelece uma relação enunciativa tríplice entre o original, a tradução e o texto final. Assim, à voz de João de Patmos juntou-se a de Brault para – por meio de procedimentos característicos de referida poética – dissipar o esoterismo que a tradição conferiu ao livro do Apocalipse com suas diversas retraduições. Trata-se de uma reescrita que, ao negligenciar a sua filiação bíblica, fez com que o caráter de “testemunho” do Apocalipse – que é dado à obra por seu autor – determinasse as escolhas nãotradutórias. Visto por Brault como um poderoso poema de estatura épica, o derradeiro tomo das Escrituras foi objeto de uma nãotradução que deixou de lado a sua ascendência religiosa e se concentrou em seu aspecto poético. O resultado é *Dévoilement* [Revelação], uma nãotradução literária daquele que é considerado um dos mais difíceis e polêmico livro da Bíblia.

Palavras-chave: Jacques Brault. Nãotradução. Retradução literária das Escrituras. Bíblia dos escritores. Livro do Apocalipse.

Abstract: *This paper aims to analyze certain mechanisms of the nontranslation – the québécois writer Jacques Brault’s translation poetics – applied to the translation of a sensitive text. The nontranslation sets a triple enunciative relation among the original, the translation and the final text. Thus, to John of Patmos’ voice joined in Brault’s one – by making use of distinctive procedures of such poetics – to dispel the esoterism that tradition granted to the book of the Apocalypse with its many retranlations. It concerns a rewriting which, by overlooking its biblical affiliation, ensured that the Apocalypse’s “testimonial nature” – provided by its author – determined Brault’s nontranslation choices. Regarded by Brault as a powerful poem of epic proportions, the nontranslation of the last tome of the Scriptures sets aside its religious ascendancy and focused on its poetic aspect. The result is Dévoilement [Revelation], a literary nontranslation of the book which is one of the most difficult and controversial of the Bible.*

Keywords: Jacques Brault. Nontranslation. Literary retranslation of the Scriptures. The writers’ Bible. Book of the Apocalypse.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Jacques Brault, pouco conhecido no Brasil, é um escritor consagrado no Quebec. Professor emérito e filósofo, além de crítico e ensaísta, romancista e dramaturgo, artista plástico e tradutor, foi como poeta que entrou para o cânone da literatura *québécoise*. A sua vasta obra compreende onze livros de poesia, seis livros de ensaios, um livro de crônicas, três antologias, três peças e um romance. Sobre a sua poética, podemos afirmar que se assenta sob três características fundamentais: a sua base filosófica, a infiltração da lírica em todos os gêneros que pratica e a indissociabilidade de sua escrita e reescrita da sua relação com o outro.

De fato, a experiência da alteridade é o ponto nodal de sua obra. Acolher a voz do outro para transformá-la ou transformar-se (Marcotte, 1987, pp. 245, 248) é inerente a toda sua produção literária. O processo de elaboração estética braultiano acontece a partir da sua relação com seres [alteridades], coisas e signos, isto é, gatilhos que ativam a sua imaginação. Permutar, emprestar um ou mais elementos de outros escritores ou de si próprio e adaptar as suas referências à necessidade de sua criação é um traço essencial da sua obra.

Além de incorporar fragmentos da escrita alheia e até mesmo da própria, aproveitada de textos anteriores, Brault desenvolveu uma outra poética que também funde a sua escrita à de outrem, porém, passa necessariamente pela tradução¹ a nãotradução.

2

Verdadeira técnica de composição, a nãotradução surgiu como um experimento pessoal do poeta. Partindo da impossibilidade da tradução de poesia e diante da sua imprescindibilidade para o seu ofício, Brault encontra uma alternativa que seria uma espécie de reescrita² à sua maneira, a nãotradução.

Ele fala pela primeira vez desta controversa poética no livro *Poèmes des quatre côtés* [1975]. A obra se divide em cinco partes. As quatro primeiras foram intituladas a partir dos quatro pontos cardeais – *quatre côtés* – e são formadas por um conjunto de poemas, um miniensoio e uma epígrafe. A derradeira parte do livro, espécie de posfácio, é um ensaio de maior fôlego, chamado de “*Contrenote*”. Enquanto os miniensoios tratam de escrita, linguagem, tradução e mencionam, pela primeira vez, o termo nãotradução,³ a *contrenote* aprofunda a reflexão neles contida e revela, ademais, que os poemas não são originais, nem tampouco traduções, mas nãotraduções de poemas de poetas anglófonos a quem, presumivelmente, teriam sido dedicadas cada parte do livro. Cada poeta de língua inglesa representa um ponto cardeal: o Norte com John Haines, poeta que morou no Alasca, a poeta Gwendolyn MacEwen foi pareada com o Leste em razão do orientalismo de sua poesia, o terceiro par é formado pelo Oeste e Margaret Atwood – uma escritora de Ottawa – e, por fim, o Sul com E. E. Cummings, poeta das terras ao sul do Canadá, os Estados Unidos. Como bem

infeere Rumeau (2014, p. 156), Brault faz uma reconfiguração da América anglófona em torno do Quebec francófono, que passa então a ser o centro.

Os miniensaios e a *contrenote* explicam que o paradigma nãotradutório é outro. Não se trata de alusão, emulação nem tampouco reprodução ou apropriação. A nãotradução é uma reescrita a partir de um texto em idioma estrangeiro em que ocorre a passagem para o francês. Nem original, nem tradução, mas antes uma nova inteligibilidade de ambos, a nãotradução faz surgir um terceiro texto, estabelecendo uma relação enunciativa tríplice que congrega três vozes: a do original, a da tradução e a que resulta da fusão de ambas: a da nãotradução.

Nem original e nem tradução, a nãotradução contém qualquer coisa de um e de outro texto, se faz de ambos. Ela parte do original para chegar ao outro lado, a tradução e, então, retorna para ser o limiar entre original e tradução. Está na soleira, no umbral, no átrio, ou ainda, no interstício⁴ (Brault, 1975, p. 14) entre texto original e tradução.

Tendo feito o percurso do original para a tradução, o nãotradutor faz a volta e se detém na fronteira que os separa. Para Brault (1975, p. 14) o texto nãotraduzido é “o interstício invisível de um entre-deois”.⁵ Em outras palavras, e valendo-se de uma expressão cunhada por Valéry, a nãotradução seria “uma hesitação prolongada entre” original e tradução.

Segundo Brault (1994, p. 61): “é ler bem, é permitir a epifania do sentido”.⁶ É a tradução como meditação, como colheita. Meditar o texto é mais do que um esforço puramente hermenêutico. Certamente se inicia pelo estudo de suas estruturas internas e dos significados delas decorrentes. Mas, uma vez vencida essa etapa, é o momento da leitura que faz emergir novas significâncias, subjetivas e arbitrárias. É espaço fecundo de reflexão que implica outras interpretações, sorver outros textos, outros autores, outras traduções – retraduições⁷ para deles todos germinar e colher-se a nãotradução.

Estamos diante, frise-se, de uma outra forma de representação do ato de traduzir. Brault refere-se à nãotradução como uma prática de escrita e não como uma teoria tradutória. Segundo ele, trata-se de uma escrita perturbada e perturbante, no mesmo sentido em que Simon (2000, p. 160) classifica-a como uma forma desviante de tradução. De acordo com a autora, sob a rubrica de tradução desviante, estão práticas que “não têm por escopo trocar ou transmitir um produto cultural, mas antes de explorar o espaço ambíguo entre tradução e escrita”.⁸ É exatamente essa a proposta poética de Brault, a nãotradução como espaço privilegiado de transformação de escritas pela reescrita tradutória, mediada pelo encontro de alteridades. Em suas próprias palavras, “...eu acabei admitindo *na prática* que a relação fundamental de si a si mesmo passa pela mediação de outrem. Este é o nó do nãotraduzir”⁹ (Brault, 1989, p. 212).

Observamos que o grau de aderência dos textos nãotraduzidos aos originais é bastante variado. Há nãotraduções muito próximas do texto de partida e outras em que este é completamente reinventado.¹⁰ Contudo, em ambos os casos, as manipulações braultianas se fazem em todos os níveis de significação da obra, seja fonético, sintático ou semântico. Brault realiza uma combinação de poéticas que harmoniosamente coabitam no novo texto.

A despeito de Brault usar o termo nãotradução somente em *Poèmes des quatre côtés* [1975], é possível encontrar poemas nãotraduzidos em obras anteriores. É o caso do seu segundo livro de poesias *La poésie ce matin* em dois poemas, no nosso entender, seriam nãotraduções. De fato, “commencent” é a nãotradução do poema “En el principio” de Blas de Otero, e algumas das técnicas dessa reescrita já se delineiam, como muito bem apontadas e analisadas por Faleiros (2022, pp. 23, 26). Igualmente, “bruit et silence” é uma nãotradução do poema sem título, de número 67, do livro *Poems* [1963] de E. E. Cummings (1991, p. 839).

4 Da mesma forma que não se limitou ao livro *Poèmes des quatre côtés*, a nãotradução também não se restringiu às formas poéticas ocidentais e, muito menos, ao gênero lírico. *Transfiguration* [1998] é um perfeito exemplo dessa prática. Nessa obra, os poemas nãotraduzidos têm como inspiração uma forma poética fixa da literatura japonesa. Contudo, ao contrário do *renga* – uma composição essencialmente coletiva, em que sete ou oito poetas sucessivamente se alternam na escrita de um poema (Tashiro-Perez, 2011, p. 29) –, apenas dois poetas participam dessa peculiar manipulação, que tem como ponto de partida uma escrita, que passa por uma tradução para se cristalizar em uma nãotradução. O poeta anglófono Edward Blodgett dava início à produção com um poema original seu, em inglês. A seguir, Brault contribuía com duas reescritas concomitantes, a tradução e a nãotradução para o francês desse poema inaugural. E, então, somente a nãotradução de Brault era enviada a Blodgett para nova tradução para o inglês, e assim sucessivamente.

Observamos que a nãotradução enquanto reescrita criativa coube somente a Brault, o que, talvez, explique por que apenas ele tenha recebido o *prix du Gouverneur général* de 1999 por *Transfiguration* [1998], na categoria tradução.

As nãotraduções de Brault são várias e não caberia, nos limites deste estudo, elencá-las todas. Ilustraremos a nãotradução e seus mecanismos com passagens de um texto do gênero épico, o livro do Apocalipse. Trata-se de um exemplo bastante peculiar que evidencia estarmos diante de uma técnica de composição cujo resultado é uma reescrita que congrega três vozes: a do original, a do nãotradutor e a que resulta da combinação de ambas. Mas, antes de analisarmos trechos da nãotradução ousada e audaciosa de um texto sensível,¹¹ veremos

importantes aspectos do formidável projeto tradutório da Bíblia para o francês, realizado por um esforço conjunto de autores contemporâneos da França, Bélgica, Suíça e Quebec, e que também orientou a nãotradução de Brault do livro do Apocalipse.

Uma Tradução Literária Das Escrituras: a Bíblia Dos Escritores

Especialistas em textos e idiomas bíblicos juntamente com escritores francófonos contemporâneos foram reunidos para uma nova retradução da Bíblia em francês. A tradução de cada livro foi atribuída a um escritor diferente, que trabalhou assistido por um biblista (Boyer, 2001, p. 22). A Brault, como dissemos, coube a tradução do livro do Apocalipse.

Esse ambicioso projeto de releitura de todos os textos bíblicos teve como maior desafio conjugar o rigor crítico e o senso estético de forma que o resultado fosse uma tradução confiável e literária. De fato, a visada foi de tradução de um texto literário e não de um livro sagrado (Gilbert, 2001, pp. IV–V). E, em razão da abordagem literária dos tradutores, essa retradução ficou conhecida como a Bíblia dos escritores.

A tradução das Escrituras enquanto obra literária, e não livro religioso, de acordo com Frédéric Boyer – o idealizador e diretor dessa empreitada –, se justificou pela natureza dos textos que o integram. Ele esclarece que foram considerados os gêneros literários extremamente variados que reúne. São romances, contos, cartas, elegias, poesia, drama, textos jurídicos, genealogias, crônicas históricas, arquivos reais, oráculos, hinos e orações, provérbios etc. dentro de uma mesma obra, expressos por uma pluralidade de vozes e diversidade de registros literários e linguísticos. Mais do que isso, as rupturas de estilo e de ritmo, as numerosas alternâncias de prosa e poesia, a combinação de ficção e história, as alusões aos mitos e às fábulas, são de uma riqueza literária que não apenas permitiram, mas legitimaram essa escolha (Boyer, 2001, pp. 15–16).

Ainda, consoante Boyer, outra razão que fundamentou a abordagem literária desta retradução está resumida na observação de Paul Claudel, de que as Bíblias em língua francesa seriam transcrições simples e rasas, sem ressonância ou poesia. Essa retradução responde a essa necessidade, ao confrontar as literaturas bíblicas às literaturas francófonas contemporâneas. Ele prossegue, afirmando que o progresso da linguagem literária permitiu um esquivamento do peso atribuído às línguas eruditas e ao francês acadêmico, que tendem a uniformizar o estilo e conferem uma unidade de tom que não existe nos originais. Da mesma forma, explica Boyer, há um aspecto frequentemente deixado de lado pelas retraduições canônicas que é a dimensão oral de alguns livros bíblicos. Estes textos foram escritos para

serem lidos, mas, igualmente, para serem ouvidos. Contudo, essa oralidade se perdeu em retraduições que optaram por um francês erudito (Boyer, 2001, pp. 21–22).

Para falar a língua de hoje, fazer frente à diversidade de gêneros e estilos, bem como à pluralidade de vozes é que essa retradução foi atribuída a vários escritores contemporâneos. Verdadeiro trabalho autoral, essas traduções são reconhecidas como tal pois, ao contrário das retraduições canônicas, os nomes dos escritores-tradutores estão em destaque. Além disso, como enfatiza Brault, colocar em evidência os nomes dos exegetas bíblicos e dos escritores foi, igualmente, uma forma de marcar não apenas a importância do indivíduo-autor, mas do trabalho realizado e da responsabilidade assumida por essas traduções para que possíveis insatisfeitos pudessem se endereçar diretamente aos tradutores autores (Aitken, 2001, p. 31).

Com efeito, a insatisfação foi tanta que levou Boyer, o responsável pelo projeto, a redigir um livro – *La Bible, notre exil* – para formular a réplica às críticas que se seguiram ao lançamento da Bíblia dos escritores. Abordaremos apenas os questionamentos mais relevantes para este estudo, ou seja, aqueles que direta ou indiretamente se referiram à tradução, melhor dizendo, à nãotradução do livro do Apocalipse por Brault.

6 Inicialmente, sob o prisma religioso, alguns membros do clero e até mesmo leigos manifestaram a sua desaprovação quanto a alguns aspectos dogmáticos e teológicos que não teriam sido respeitados. Essa crítica se fez basicamente sobre questões lexicais, em que as escolhas tradutórias foram consideradas descabidas como, p. ex., *souffles* [sopros, inspiração] em substituição à *esprits* [espíritos], *rayonnement* [esplendor, resplendor] para *Gloire* [Glória], *confiance* [confiança] em vez de *foi* [fé], *Adversaire* [Adversário] ao invés de *Satan* [Satã], *Yhwh* no lugar de *Yahvé* [Javé, Jeová], *parole* [fala, palavra] por *Verbe* [Verbo] etc. Mas, certamente, a tradução mais problemática, a mais ruidosa foi a que substituiu o termo *Résurrection* [Ressurreição] por *relèvement* [elevação] e que valeu à Bíblia dos escritores a alcunha de “herética” e “perturbante” (Lassave, 2006, pp. 7, 14). Ao preterir algumas palavras e expressões forjadas pela tradição canônica, a Bíblia dos escritores teria profanado um texto sagrado e, mais do que isso, um texto fonte considerado por eles como um patrimônio próprio que seria intocável (Boyer, 2002, pp. 87–88).

Em resposta, Boyer (2001, p. 18) afirma que os textos bíblicos somente são sagrados pelo seu uso, pela sua inscrição em uma tradição de fé. Porém, ele ressalta que a Bíblia é, antes de tudo, um livro que pertence a toda humanidade, não apenas aos fiéis. Ele continua, aduzindo que esse uso religioso fez com que alguns termos, como *Résurrection* [Ressurreição], acabassem adquirindo novas significações teológicas e litúrgicas que diferem do sentido literal

dos verbos gregos usados nos textos bíblicos. O que faz com que essas palavras e expressões sejam incompreendidas fora de um núcleo religioso. Era preciso, portanto, devolver à humanidade uma obra que não é exclusiva dos devotos (Boyer, 2002, p. 34). Não se quis, em absoluto, apagar a tradição canônica dessas palavras e expressões, mas, antes, inscrevê-las “na polifonia necessária de sua recepção” (Boyer, 2002, p. 38). Ele lembra que os textos bíblicos foram redigidos muito antes da existência de dogmas e doutrinas (2002, p. 65). Além disso, não há uma língua sagrada, uma língua santa do Ocidente cristão, intangível e “inacessível ao discurso moderno” e, sim, diversas línguas [hebraico, aramaico, grego] e múltiplas recepções desse texto matricial em diferentes idiomas que, conjuntamente, o forjaram (Boyer, 2001, p. 17, 2002, p. 79). Por essa razão, os exegetas bíblicos e os escritores contemporâneos retornaram às línguas fontes, anteriores às camadas de sentido atribuídas pela doutrina, pela necessidade litúrgica e pela teologia. Boyer ressalta que esta tradução se pretendeu literária, jamais religiosa. Valendo-se dessa independência para substituir termos moldados a partir do latim e do grego, foi possível restaurar um estranhamento que se havia perdido, e, com isso, traduzir a Bíblia no e para o mundo contemporâneo (Boyer, 2002, pp. 110, 112).

Para aqueles que a receberam como uma tradução de uma obra literária e não de um livro sagrado, a crítica se incomodou com a pluralidade de tradutores¹² envolvidos neste projeto e a conseqüente variedade autoral que transparece nos textos. Tantos escritores traduzindo e imprimindo seus estilos próprios ao livro bíblico que lhe foi incumbido, teria como resultado a perda da unidade histórica da Bíblia, considerada pela tradição como obra una, pois o entrelaçamento de seus textos faz deles um todo (Lassave, 2006, pp. 7–8).

Esse foi um dos aspectos dessa tradução que incomodou Henri Meschonnic. Segundo ele, não há qualquer concordância interna entre os textos nessa tradução das Escrituras. Citando Jean-Marie Auwers, Meschonnic (2004, pp. 129–130) afirma que a multiplicidade de tradutores provocou uma disparidade tal entre os livros bíblicos que todo valor alusivo se perdeu.

Ora, um dos objetivos dessa tradução, como salientou Boyer, foi justamente o de reproduzir a polifonia bíblica apagada por séculos de uma tradição uniformizante. Ele afirma que era preciso sair do “monolinguismo” das traduções da Bíblia em francês que padronizaram os gêneros e as escritas. Fruto de um trabalho coletivo singular, ele reitera que esta tradução não reivindicou o status de produto homogêneo de uma equipe. Ao contrário, a Bíblia dos escritores é atravessada por tensões e, até mesmo, por escolhas divergentes.¹³ Não poderia ser

diferente, dada a multiplicidade das expressões literárias contemporâneas envolvidas (Boyer, 2001, pp. 22–23).

Preferindo chamá-la de “Bíblia Bayard” – em referência à editora, e não de Bíblia dos escritores, como ficou conhecida, Meschonnic (2004, p. 129) considera-a uma “paráfrase bíblica, e não tradução”¹⁴ [*sic*]. O teórico apoia-se no “Código de deontologia do tradutor literário”,¹⁵ que teria sido desrespeitado em dois de seus preceitos: essa profissão reclama um conhecimento seguro da língua a partir da qual se traduz [artigo 1] e, o tradutor deve se abster de traduzir uma obra a partir de uma outra tradução em língua estrangeira [artigo 3]. Em razão dessas violações, e considerando o fato de um exegeta ter fornecido o sentido para um escritor dar a forma, o único gênero em que pode inscrever-se é o de paráfrase bíblica e não de tradução (Meschonnic, 2004, p. 129).

Depreende-se desses comentários severos que o crítico – e ele mesmo tradutor da Bíblia – parte de pressupostos equivocados, quais sejam: que existe um texto original, desprezado pelos tradutores que teriam se restringido a traduzir outras traduções; e que os tradutores não conheceriam a língua que traduziram.

8 No que se refere à primeira reprimenda, responde Boyer (2002, p. 69):

... o que chamamos de Bíblia nasce da tradução como energia, como força de produção de uma obra transcultural. . . *A transmissão, a conservação e elaboração dos pergaminhos bíblicos se fizeram pela articulação de várias línguas, de várias culturas. O traduzir fez a Bíblia ao ponto que traduzir a Bíblia é sempre traduzir uma tradução* [grifo nosso].¹⁶

Boyer esclarece que não se pode falar em “textos originais” das Escrituras, pois não há um manuscrito completo datando do período em que foram escritos os textos. Ele prossegue, explicando que a Bíblia é um conjunto de diferentes textos e versões que não se realizaram em bloco e nem tampouco foi o resultado de uma única civilização. Mas, ao contrário, trata-se de uma obra escrita por arborescência. A própria noção da Bíblia é inseparável da de tradução, já que foi produzida por diferentes línguas e traduzida para o grego, siríaco e latim, antes mesmo que o cânone cristão tenha se fixado e os massoretas tivessem concluído o longo trabalho de consolidação dos textos em hebraico (Boyer, 2001, pp. 18–19).

Quanto à indelicada alegação de que os tradutores escritores – frise-se, todos de renome – não possuem um conhecimento seguro da língua traduzida, basta lembrarmos que

trabalharam em equipe com especialistas em textos e idiomas bíblicos. Além disso, Boyer (2002) pondera:

O conhecimento da língua original é, certamente, um pré-requisito, mas não é suficiente. Sozinho, há, de fato, os dois extremos da cadeia de operação da “translação” de uma língua à outra. Porém, traduzir é compreender que não há cadeia, mas antes uma ruptura, um fosso ou uma dobra. Traduzir em conjunto, a dois ou mais, é dramatizar o próprio ato da tradução. É traduzir tendo que responder ao outro. Submeter seu trabalho a uma forma de se responsabilizar por atos de terceiros.¹⁷ (Boyer, 2002, p. 68)

Ele argumenta que a dificuldade e a grandeza do ato de traduzir está menos na distância de uma língua a outra do que na distância até o interior de sua própria língua. Traduzir não é nada além de escrever e escrever é, justamente, percorrer essa distância (Boyer, 2002, p. 49). Essa tradução pretendeu ultrapassar “a tentação literalista, a camada arcaizante e a exclusiva tradução etimológica” para oferecer uma solução literária e contemporânea que retornasse à fonte do texto ao mesmo tempo em que o habitasse e o fizesse ouvir (Boyer, 2001, pp. 23–24).

Ademais, segundo Boyer (2002, p. 79), nem o hebreu da Torá, nem o aramaico e o grego da Septuaginta, nem tampouco o grego dos Evangelhos, dos Atos dos Apóstolos, das Epístolas e do Apocalipse são mais falados atualmente. Boyer (2002, p. 121) conclui dizendo que, em termos de Bíblia, somente se pode falar em uma língua de recepção, e não de língua original. Portanto, inadequado referir-se a uma língua original traduzida e ao seu desconhecimento.

Longe de ser uma paráfrase, a Bíblia dos escritores é uma tradução-exegese crítica que devolveu ao mundo contemporâneo uma obra fundadora da literatura ocidental, até então destinada unicamente aos usos litúrgicos e eclesiásticos.

Uma Nãotradução Literária Do Livro Do Apocalipse: *Dévoilement*

Como dissemos, a Brault foi confiado o desafiador e intrigante livro do Apocalipse. O seu consultor bíblico foi Jean-Pierre Prévost. Como preparação para essa desafiadora nãotradução, ele afirma ter lido todas as retraduições francesas que pôde encontrar e relido a tradução latina para, somente então, retornar ao texto em grego¹⁸ e discutir o seu projeto com o biblista Prévost (Côté, 2005, p. 88).

Brault nos explica que o livro do Apocalipse não foi escrito no grego clássico, do período helenista, mas no grego comum falado pelos judeus da época¹⁹. De acordo com ele, o grego bíblico – do Novo Testamento – é uma língua simples, “um pouco hebraizada” e, por vezes, gramaticalmente “faltosa” (Côté, 2005, p. 88).

No que se refere à sintaxe, ele observou um ritmo especial, decorrente de algumas estruturas mais “ultrapassadas”. A estratégia nãotradutória não considerou manter os erros, optando por um francês correto, “sem equivalências, mas uma atmosfera, fraseados que nos dessem um pouco desse lado peculiar, para nós contemporâneos”²⁰ (Côté, 2005, p. 88).

No ensaio “Clair comme la nuit” (Brault, 2012, p. 271), ele esclarece que o trabalho nãotradutório se iniciou pela leitura crítica e, em suas palavras, “arriscada” que fez do texto bíblico. Considerado por Brault como um poderoso poema de estatura épica, assim como o são as três grandes epopeias fundadoras da consciência ocidental *Ilíada*, *Eneida* e *Divina Comédia*, ele deixou de lado a ascendência religiosa do texto e se concentrou no seu aspecto poético.

Outro fator importante e essencial à reescrita braultiana que também o orientou em mais essa nãotradução é a experiência da alteridade. À voz de Brault somou-se outra para dar origem a uma terceira enunciação. *In casu*, o outro é João de Patmos, o apóstolo e evangelista a quem é atribuída a autoria do Apocalipse. Apesar de “negligenciar a filiação bíblica da obra”²¹, Brault deixa bem claro que o aspecto de “testemunho”, dado à obra por seu autor, é que determinou as escolhas nãotradutórias (Brault, 2012, pp. 271–272), bem como as “idiossincrasias – os joanismos”²² (Côté, 2005, p. 88). É o que veremos adiante.

10

A primeira intervenção nãotradutória já ocorre no título. Brault explica que pretendeu “dissipar para sempre a sombra densa que envelopa os diversos símbolos do texto”²³ com a sua nãotradução do título. Segundo ele, o testemunho de João não tem ligação com “as derivas de *nonsense* patológico”,²⁴ que por séculos aderiram ao derradeiro livro da Bíblia. Foi a tradição que “inclinou a leitura do *Apocalipse* para uma espécie de fatalismo da *insignificação*”²⁵ (Brault, 2012, pp. 271–272). E, de fato, tanto em português quanto em francês, a primeira acepção do termo é “grande cataclismo, fim do mundo”²⁶ e “*catastrophe épouvantable; fin du monde*” [catástrofe terrível; fim do mundo].²⁷

A operação nãotradutória do título retirou todas as camadas de significação que as inúmeras traduções francesas e interpretações da Bíblia conferiram à palavra e ao livro do Apocalipse ao longo do tempo. Como paralelismo invertido (Brault, 1975, p. 56), a nãotradução tomou um caminho diverso e inverso de todas as traduções francesas anteriores, retornando ao sentido original de “apocalipse”. Brault opta pela tradução literal da palavra

grega *apokalupsis*, que significa “revelação”, “desvendamento” (Prévost, 2018, p. 2592), e renomeia como *Dévoilement* o livro do Apocalipse.

Firme no seu propósito de se distanciar de todo esoterismo, a sua nãotradução intervém em vários níveis de significação do texto com supressões, acréscimos, inversões, extrapolações e transgressões várias que Brault chama de barganhar, negociar, de compor, enfim, de nãotraduzir (Brault, 1975, pp. 16, 93).

Nos excertos a seguir²⁸ – versículos 1 e 4 a 8 do Capítulo 1 do Apocalipse –, na coluna da direita, está a tradução canônica em francês,²⁹ e, à esquerda, a nãotradução de Brault. Estão assinaladas em vermelho as extrapolações e transgressões semânticas, em azul as alterações e inversões sintáticas, em verde os acréscimos, e em amarelo as supressões:

Quadro 1 - Tradução canônica e nãotradução do Ap 1, 1 e Ap 1, 4-8

<p>1 ¹ RÉVELATION DE JÉSUS CHRIST, que Dieu lui a confiée pour montrer à ses serviteurs ce qui doit bientôt advenir ; cette révélation, il la fait connaître à son serviteur Jean par l’envoi de son ange.</p> <p>...</p> <p>4 Jean, aux sept Églises qui sont en Asie Mineur : à vous, la grâce et la paix, de la part de Celui qui est, qui était et qui vient, de la part des sept esprits qui sont devant son trône, ⁵de la part de Jésus Christ, le témoin fidèle, le premier-né des morts, le prince des rois de la terre. À lui qui nous aime, qui nous a délivrés de nos péchés par son sang, ⁶ qui a fait de nous un royaume et des prêtres pour son Dieu et Père, à lui, la gloire et la souveraineté pour les siècles des siècles. Amen.</p> <p>⁷ Voici qu’il vient avec les nuées, tout œil [le verra, Ils le verront, ceux qui l’ont transpercé ; et sur lui se lamenteront toutes les tribus [de la terre.</p> <p>Oui ! Amen !</p> <p>⁸ Moi, je suis l’Alpha et l’Oméga, dit le Seigneur Dieu, Celui qui est, qui était et qui vient, le Souverain de l’univers.</p>	<p>1 ¹ Dévoilement de Jésus Christ : Dieu le lui confia pour montrer à ses serviteurs ce qui doit arriver au plus vite ; il le signifia par son messager envoyé à Jean son serviteur.</p> <p>...</p> <p>⁴ Jean, aux sept communautés d’Asie : Grâce et paix à vous, de la part de Celui qui est et qui était et qui vient, et des sept souffles qui sont en face de son trône, ⁵ et de la part de Jésus Christ, le témoin, le crédible, le premier-né d’entre les morts, le chef des rois de la terre. À lui qui nous aime et nous délia de nos fautes dans son sang, ⁶ et qui fit de nous un royaume et de prêtres pour son Dieu et Père, à lui la gloire et le pouvoir pour les éternités des éternités. Amen. ⁷ Voici : il vient sur les nuages et tout œil le verra, même ceux qui l’ont transpercé ; elles se frapperont la poitrine en le voyant, toutes les tribus de la terre. Oui, amen.</p> <p>⁸ Moi, je suis l’Alpha et l’Oméga, Dit le Seigneur Dieu, Celui qui est et qui était et qui vient, le Puissant-sur-tout.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Elaborado pela autora

Preliminarmente, observamos que a nãotradução é mais coesa e fluente que a tradução canônica. Não houve qualquer prejuízo ao conteúdo que, apesar de mais harmônico, preservou a opacidade do texto. Esse resultado foi alcançado com as inversões e, principalmente, com a

supressão de alguns pronomes relativos “*que, qui*” [que], transformando orações subordinadas em assindéticas. Sem relações de subordinação ou ligações de coordenação entre as frases, o efeito obtido é o de justaposição, uma das características da escrita braultiana. Outro recurso característico da poesia de Brault é o *enjambement*, que é obtido nessa nãotradução com o uso reiterado da conjunção aditiva “e”. Assim, à enunciação de João de Patmos se junta a de Brault. Sem que uma apague ou se sobreponha a outra, elas se fundem para originar uma terceira enunciação, a da nãotradução.

Outra característica da poética nãotradutória que se constata em *Dévoilement* é a liberdade quanto à forma. No exemplo acima, observamos que, no texto canônico, o versículo 7 é disposto em versos e seria, portanto, um cântico; na nãotradução, esse trecho é incorporado por Brault na narrativa. Em operação inversa, o versículo 8, que na versão canônica fazia parte da prosa, ele converte em versos [cântico].

De se notar, também, a mudança dos tempos verbais. Brault, ao substituir o *passé composé* – uma forma verbal composta que equivale ao nosso pretérito perfeito – pelo *passé simple* – um tempo verbal mais formal e usado apenas na escrita –, não está pretendendo uma maior erudição. Antes de tudo, o *passé simple* é o tempo da épica e Brault considera o livro do Apocalipse como tal. Além disso, o *passé simple* indica que a ação se produziu e já se encerrou em um tempo determinado do passado e, principalmente, sem consequências no presente. Ao contrário, o *passé composé* designa uma ação produzida no passado, porém com reflexos que se manifestam no presente. Portanto, Brault se utiliza deste artifício para se contrapor à ideia de “fatalismo da *insignificação*”, de profecia ou oráculo do armagedon associada ao livro do Apocalipse, ou seja, tudo o que é relatado já aconteceu, é passado que não mais reverbera no presente ou no futuro.

Da mesma forma, há um deslocamento de campo semântico do sagrado para o mundano com as opções nãotradutórias: *messagers* [mensageiro] no lugar de *ange* [anjo]; *communautés* [comunidades] em vez de *Églises* [Igrejas]; *souffles* [sopros, inspiração] em substituição à *esprits* [espíritos]; *crédible* [crível, confiável] por *fidèle* [fiel] e *nuages* [nuvens] ao invés de *nuées* [nuvens de glória, *nuée* é uma nuvem que simboliza a presença de Deus³⁰].

Outra nãotradução singular é a dos versos “*Ils le verront, ceux qui l’ont transpercé ; [et sur lui se lamenteront toutes les tribus de la terre]*”. Convertidos em prosa, as inversões e acréscimos da nãotradução alteram esta passagem consideravelmente para “*même ceux qui l’ont transpercé ; elles se frapperont la poitrine en le voyant, toutes les tribus de la terre*”. Assim, na tradução canônica, “eles o verão [o Cristo que virá com as nuvens; em que “eles”

são] aqueles que o transpassaram [o Cristo, com a lança na crucifixação] e sobre ele [o Cristo] se lamentarão todas as tribos da terra” se torna “mesmo aqueles que o transpassaram [o verão chegar *sobre* a nuvem e não *com* a nuvem de glória]; elas [todas as tribos da terra] baterão no peito”. Inserir a expressão “bater no peito” no lugar de “se lamentarão” é uma reescrita bastante audaciosa, pois “bater no peito” é muito mais do que apenas se lamentar. Trata-se de um ato performático que, na tradição judaico-cristã, equivale ao reconhecimento de culpa em razão de uma falta. Existe até mesmo uma oração do ato penitencial católico, a *mea culpa*, em que o fiel assume a culpa de seus pecados repetindo “por minha culpa, minha tão grande culpa” [*mea culpa, mea maxima culpa*], acompanhada do gesto de bater no peito do lado esquerdo [o do coração] com a mão direita fechada em punho.

Igualmente interessante é a manipulação que se dá com os termos *la souveraineté* [a soberania] e *le Souverain de l'univers* [o Soberano do universo]. Brault as substitui, respectivamente, por *le pouvoir* [o poder] e *Le Puissant-sur-tout* [o Poderoso sobre todas as coisas], esta última expressão sendo um neologismo empregado para evitar o termo religiosamente marcado *Tout-Puissant* [o Todo-Poderoso]. Desse modo, ele retira a conotação de reinos da terra, de governo dos homens em oposição ao reino dos céus.

13

No mesmo sentido e bastante relevante é a nãotradução de “pelos séculos dos séculos” por “pelas eternidades das eternidades”. A expressão preterida é uma fórmula eclesiástica que, durante anos, integrou uma importante jaculatória católica [Glória ao Pai], mas nem é este o motivo que faz desta nãotradução uma transgressão ousada. Ao substituir “séculos” por “eternidades”, Brault sai da temporalidade dos homens mortais [*chrónos*] e passa para uma outra categoria temporal, a eternidade, que é o tempo de Deus, das divindades [*aión*]. Essa manipulação é muito significativa porque altera completamente o sentido, com consequências expressivas. Essa nãotradução equivale a dizer que a glória e a soberania/poder somente serão do Cristo na eternidade e no reino de Deus, e não no tempo e no império dos homens, em que o poder e a glória são sempre dos césares.

Brault, com essas intervenções, junta sua voz à de João de Patmos para denunciar não apenas a perseguição religiosa que sofriam os novos cristãos, mas, fundamentalmente, a dominação política de Roma, que suprimia a liberdade religiosa, bem como todas as liberdades individuais. É o que se constata com a nãotradução da passagem abaixo, retirada do versículo 9 do Capítulo 1 do Apocalipse:

Quadro 2 - Tradução canônica e nãotradução do Ap 1, 9

1 ^o Moi, Jean, votre frère, partageant avec vous la détresse , la royauté et la persévérance en Jésus , je me trouvai dans l'île de Patmos à cause de la parole de Dieu et du témoignage de Jésus.	1 ^o Moi, Jean, votre frère et votre compagnon dans l'oppression et la royauté et dans la résistance en Jésus , je me suis trouvé en l'île qu'on appelle Patmos, à cause de la parole de Dieu et du témoignage de Jésus.
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Elaboração: a autora

Com essas escolhas, por meio da enunciação nãotradutória, o testemunho de João de Patmos é potencializado. Pela nãotradução, o apóstolo e evangelista dá o testemunho não apenas da volta gloriosa do Cristo, mas, sobretudo, revela a realidade trágica daquela época (Prévost, 2018, p. 2591). O caráter subversivo da nãotradução fica expresso nas escolhas de *résistance* [resistência] em vez de *persévérance* [perseverança] e de *votre compagnon dans l'oppression* [vosso companheiro na opressão] no lugar de *partageant avec vous la détresse* [partilhando convosco a tribulação], bem como de *communautés* [comunidades] em vez de *Églises* [Igrejas] dos versículos anteriormente analisados.

14 *Dévoilement* é um perfeito exemplo de nãotradução. Com as manipulações de Brault, o livro do Apocalipse deixa de ser apenas a revelação esotérica de uma profecia divina do fim do mundo para se converter em testemunho de uma época em que os cristãos eram impiedosamente perseguidos, bem como da resistência desse povo diante da opressão do poder terrestre dominador. Trata-se, portanto, de mais uma reescrita perturbada e perturbante, como descrita pelo próprio Brault.

Considerações Finais

Apesar da sanha que causou em alguns meios religiosos em razão da substituição de termos e expressões fixados pela tradição canônica e do desagrado de alguns poucos teóricos descontentes com a releitura dos textos bíblicos por autores francófonos contemporâneos, a Bíblia dos escritores alcançou o objetivo pretendido por seus idealizadores. De fato, lograram êxito em conjugar o rigor crítico e o senso estético de forma que o resultado foi o de uma tradução confiável e literária.

Primeiramente, é de se registrar que obteve aprovação eclesiástica. Foi considerada uma tradução literária de qualidade e, conquanto julgada inadequada para o uso litúrgico, a sua leitura foi recomendada pela Comissão doutrinal dos Bispos da França ao reconhecer o seu valor literário (Lassave, 2006, pp. 2–3, 18).

Igualmente, sob o ponto de vista literário, a heterogeneidade das traduções, resultado da multiplicidade de tradutores que foi reprovada por alguns, foi valorizada por outros. De acordo com estes últimos, a diversidade de vozes que transparece nos textos – cuja tradução muitas vezes reflete o estilo pessoal do tradutor autor – é um de seus pontos altos. Ademais, essa característica autoral dos textos reproduz as contradições internas próprias da Bíblia, conferindo à tradução uma qualidade tipicamente literária, além de crítica e, ao mesmo tempo, dessacralizante (Lassave, 2006, pp. 7–8).

E, assim como as demais traduções dos outros livros, também a nãotradução do Apocalipse, *Dévoilement*. Ao fundar-se em um discurso de criação e recriação (Prévost, 2018, p. 2592), Brault realiza uma verdadeira leitura poética que se fez pela escuta tanto dos ruídos quanto dos silêncios do texto (Brault, 2012, p. 272). Empregando os diversos procedimentos nãotradutórios – como descritos no item anterior – o caráter de anúncio do fim do mundo foi eliminado para restar apenas as revelações de João de Patmos, agora despidas de todo esoterismo. À sua voz, somou-se a de Brault para juntas darem origem à enunciação nãotradutória, nem original e nem tradução, mas testemunho de uma revelação mítica – e não religiosa – a da vinda e da elevação [Ressurreição] do Cristo, e de outra – mundana – a revelação da perseguição implacável sofrida pelos primeiros cristãos por parte da ditadura romana.

Com mais essa nãotradução, um dos ensinamentos fundamentais que Brault nos oferece é de que não há, e não pode haver, univocidade em literatura. Há que se reconhecer que existem perspectivas outras, com as quais se pode e se deve enriquecer e expandir. É este o ponto nodal da poética braultiana, a fertilização pela alteridade enquanto singularidades múltiplas.

REFERENCIAS

- Aitken, A. (2001). La Bible au risque de la traduction. Entrevue avec Jacques Brault et André Myre. *Relations*, 673, 28-31. <https://cjf.qc.ca/revue-relations/publication/article/la-bible-au-risque-de-la-traduction/>
- Boyer, F. (2001). Les livres, la Bible. In *La Bible* (pp.14–23). Bayard.
- Boyer, F. (2002). *La Bible, notre exil*. POL.
- Brault, J. (1975). *Poèmes des quatre côtés*. Le Noroît.

-
- Brault, J. (1989). Sur la traduction de la poésie. In J. Brault, *La poussière du chemin*, essais (pp. 201–215). Boréal.
- Brault, J. (1994). Au cœur de la critique. In J. Brault, *Chemin faisant* (pp. 59–71). Les Éditions du Boréal.
- Brault, J. (1998). *Transfigurations*. Le Noroît.
- Brault, J. (2012). Clair comme la nuit. In J. Brault, *Chemins perdus, chemins trouvés* (pp. 271–273). Boréal.
- Côté, N. (2005). « Si je Voyage vers toi mal rafistolé » : Brault le « non-traducteur ». In A. Whitfield (Dir.), *Le métier du double, portraits de traductrices et traducteurs littéraires* (p. 65–96). Fides.
- Cummings, E. E. (1991). *Complete Poems, 1904–962*. Liveright.
- Faleiros, A. S. (2022). *Nas sendas de Jacques Brault, antologia de poemas 1965–2006*. Editora UnB.
- Gilbert, P. (2001). Une traduction pour mémoire. In *La Bible* (pp. I–V). Bayard.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva.
- Jeuge-Maynard, I. (Dir.) (2008). *Le petit Larousse illustré*. Larousse.
- La Bible (J. Brault, & J.-P. Prévost, Trad.). (2001). *Dévoilement* (pp. 2393–2416). Bayard.
- La Bible (Traduction officielle par la Commission Épiscopale Francophone). (2013). *Livre de l'Apocalypse* (pp. 4086–4135). Mame.
- Lassave, P. (2006). Les tribulations d'une Bible dans les médias. *Archives de sciences sociales des religions*, 134, 1–21. <https://doi.org/10.4000/assr.3409>
- Lefevere, A. (2017). *Translation, rewriting and the manipulation of literary frame*. Routledge.
- Lizorkin-Eyzenberg, E. (2021). Jewish studies for Christians. *Saint James Vicariate for Hebrew speaking Catholics in Israel*. <https://www.catholic.co.il/?cat=&view=article&id=8951&m=>
- Marcotte, G. (1987). Poésie de novembre. *Voix et images*, 12(2), 239–249. <https://doi.org/10.7202/200629ar>
- Meschonnic, H. (2004). *Un coup de Bible dans la philosophie*. Bayard.
- Prévost, J. P. (2018). Apocalypse de Jean, introduction et notes. In *La Bible* (pp. 2590–2593), Bayard.
- Pym, A. (2017). *Explorando as teorias da tradução*. Perspectiva.

Rumeau, D. (2014). Jacques Brault, l'intempestif. *Littératures*, (70), 151–161. <https://doi.org/10.4000/litteratures.297>

Simon, S. (2000). Pratiques déviantes de la traduction. *Francophonies d'Amérique*, (10), 159–166. <https://doi.org/10.7202/1005089ar>

Stradioto-Casolato, A. (2022). Nãotradução: uma poética tradutória perturbadora. *Tradterm*, (41), 5–29, <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/185543/179968>

Suchet, M. (2017). Jacques Brault et la nontraduction, un *Unland* original. *TRANS-*, Revue de littérature générale et comparée, (22), 1–13. <http://journals.openedition.org/trans/1646>

Tashiro-Perez, E. A. (2011). Os *teniwoha* nos primeiros tratados do poema *renga* da era medieval japonesa. *Estudos japoneses*, (31), 27–43. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-7125.v0i31p27-44>

¹ Os termos “tradução” e “traduzir” são empregados, neste estudo, no sentido de “um conjunto de processos” que permitem a passagem de um texto da “língua de partida” à “língua de chegada” (Pym, 2017, p. 18).

² O termo “reescrita” é empregado, neste estudo, no sentido que lhe é atribuído por André Lefevere. Segundo o referido teórico, o sistema literário é composto, além das escritas que são os originais, por reescritas. Estas dizem respeito às manipulações das escritas por terceiros – que não seus autores –, os reescritores que manipulam os textos, reescrevendo-os. São eles os críticos, revisores, intérpretes, professores de literatura, antologizadores e, principalmente, os tradutores (Lefevere, 2017, pp. 6–7, 10–11).

³ Brault sempre foi muito apegado a uma escrita apurada e, portanto, era do seu conhecimento que a grafia correta de não-tradução em francês se faria, necessariamente com o uso do hífen. Somos da opinião que a aglutinação dos termos “não” e “tradução” foi intencional e visou, justamente, à criação de um substantivo inédito para dar nome a um novo conceito, qual seja, a “nãotradução”, sua poética do traduzir.

⁴ Tradução nossa para o termo *seuil* empregado por Brault em seus miniensaios sobre nãotradução de *Poèmes des quatre côtés*.

⁵ No original em francês: « le seuil invisible d'un entre-deux ». Todas as traduções de citações em língua estrangeira reproduzidas em notas de rodapé são nossas.

⁶ No original em francês: « c'est lire bien, c'est permettre l'épiphanie du sens »

⁷ O termo “retradução” é empregado, neste estudo, no sentido de uma nova tradução de um texto anteriormente traduzido.

⁸ No original em francês : « ... n'ont pas pour but d'échanger ou de transmettre un produit culturel, mais plutôt d'exploiter l'espace ambigu entre traduction et écriture. »

⁹ No original em francês : « ...j'ai fini par admettre en pratique que le rapport vital de soi à soi passe par la médiation d'autrui. Tel est le nœud du nontraduire. »

¹⁰ Como exemplo de uma nãotradução próxima do original, indicamos o artigo “Jacques Brault et la nontraduction, un *Unland* original” de Myriam Suchet, (Suchet, M. (2017). Jacques Brault et la nontraduction, un *Unland* original. *TRANS-*, Revue de littérature générale et comparée, 22, 1-13, <http://journals.openedition.org/trans/1646>). Neste texto, a autora examina a nãotradução do poema “Axioma” de Margaret Atwood, que está em *Poèmes des quatre côtés*. No outro extremo, como exemplo de uma nãotradução com um alto grau de intervenção de Brault, sugerimos a leitura de uma nãotradução de um poema erótico de E.E. Cummings que, igualmente, integra *Poèmes des quatre côtés* e cuja análise dos mecanismos usados pelo poeta nãotradutor foram investigados por esta pesquisadora no artigo “Nãotradução: uma poética tradutória perturbadora” (Stradioto-Casolato, A. (2022). Nãotradução: uma poética tradutória perturbadora, *Tradterm*, 41, 5-29, <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/185543/179968>).

¹¹ O termo “texto sensível” é empregado, neste estudo, no sentido de textos que causam uma maior sensibilidade aos leitores quando manipulados (traduzidos, interpretados etc.).

¹² Foram 47 escritores-tradutores incumbidos da tradução de um os mais livros da Bíblia, cada um deles acompanhado por um biblista.

¹³ Como exemplo dessa independência dos escritores-tradutores, podemos citar uma das traduções que causaram polêmica, a de *Adversaire* [Adversário] ao invés de *Satan* [Satã]. Brault não acompanhou esta escolha, tendo não traduzido *Satan* [Satã] por *Diviseur* [Divisor], uma não tradução que, apesar de divergir da maioria, não deixa de ser também controversa.

¹⁴ No original em francês: « Paraphrase biblique, non traduction ».

¹⁵ O autor informa em nota de rodapé que um “Código de deontologia do tradutor literário” foi definido pela ATLF (Associação dos tradutores literários da França) em 12 de março de 1988, e encontra-se publicado em *Cahiers internationaux de symbolisme. Théorie et pratique de la traduction*, III (1999). La traduction littéraire. L’atelier du traducteur, 92-93-94, p. 255.

¹⁶ No original em francês : « ... ce que nous appelons la Bible naît de la traduction comme énergie, comme force de production d’une œuvre transculturelle... La transmission, la conservation et l’élaboration des rouleaux bibliques se réalisent à la jointure de plusieurs langues, de plusieurs cultures. Le traduire a fait la Bible au point que traduire la Bible c’est toujours traduire de la traduction. »

¹⁷ No original em francês : « La connaissance de la langue d’origine est certes un préalable mais elle ne suffit pas. Seul, nous tenons en effet les deux bouts de la chaîne de l’opération de « translation » d’une langue vers une autre. Mais traduire, c’est comprendre qu’il n’y a pas de chaîne, mais plutôt une rupture, un creux ou un pli. Traduire ensemble, à deux ou plus, c’est dramatiser l’acte même de la traduction. C’est traduire en ayant à répondre à l’autre. Soumettre son travail à une forme de responsabilité pour autrui. »

¹⁸ Cabe lembrar que Brault estudou latim e grego, tendo sido um dos seus exercícios preferidos a reescrita de textos clássicos em latim e grego nos seus idiomas originais (BRAULT, 2012, p. 279).

¹⁹ O koiné é uma variante do grego clássico e era a língua comum – falada e escrita – dos judeus em diversas regiões da antiguidade no período em que foi escrito o Novo Testamento. Assim como o yiddish (variante do alemão falado pelos judeus), o koiné guardou diversas palavras, frases, estruturas gramaticais e modos de expressão semíticos. In Lizorkin-Eyzenberg, E. (2021). Jewish studies for Christians. *Saint James Vicariate for Hebrew speaking Catholics in Israel*, <https://www.catholic.co.il/?cat=&view=article&id=8951&m=>

²⁰ No original em francês : « Pas des équivalences, mais une atmosphère, des phrasés qui nous donnaient un peu ce côté étrange, pour nous contemporains. »

²¹ No original em francês: « ...négliger l’appartenance biblique de l’œuvre »

²² No original em francês: « ...des idiosyncrasies – des joahnnismes »

²³ No original em francês: « ...dissiper à jamais l’ombre dense dont s’enveloppent les divers symboles du texte. »

²⁴ No original em francês: « ...les dérives du non-sens pathologiques »

²⁵ No original em francês: « ...a incliné la lecture de l’*Apocalypse* vers une espèce de fatalisme de l’*insignification* »

²⁶ Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva.

²⁷ Jeuge-Maynard, I. (Dir.) (2008). *Le petit Larousse illustré*. Larousse.

²⁸ Escolhemos ao todo, seis versículos do livro do Apocalipse para demonstrar os procedimentos não tradutórios utilizados por Brault, uma vez que, nos limites deste artigo, não seria possível uma amostragem maior.

²⁹ A tradução canônica em francês a que se refere este estudo é a tradução oficial realizada pela Comissão Episcopal francófona, conforme referência bibliográfica.

³⁰ CNRTL, *Centre nationale de ressources textuelles et lexicales*. <https://www.cnrtl.fr/definition/nu%C3%A9>